

ARMANDO PINHEIRO

Entrevistado por Maria Augusta Silva

O poema pode consentir a objetividade quando versa um tema de gravidade. A medicina consente a subjetividade em todos os casos, desde que o médico a saiba e possa controlar. (...) A medicina não se surpreende com o regresso da tuberculose mas fica profundamente desiludida. (...) Há conhecimento das causas: a sida que deprime a resistência dos doentes, a miséria social, e, a somar a isto, a má organização da saúde no nosso país. Prognóstico? Muito mau.

Os poetas lidam com o céu e o inferno?

Com ambos. O serem humanos já lhes basta para isso. São donos de uma sensibilidade apurada, sentindo mais o céu e o inferno, e procurando exprimi-los, ainda que disfarçados.

Que juízo faz da sensibilidade: um "fenómeno" da natureza do ser ou conquista-se e educa-se?

Julgo que a sensibilidade é de natureza essencialmente genética mas suscetível de ser influenciada de forma positiva ou negativa pelo meio

ambiente e social. Outros fatores orgânicos e também sociais podem intervir no desejo e na capacidade da conquista.

Na escrita poética, o sonho assemelha-se a uma linha quebrada ou a um círculo?

Creio assemelhar-se mais a um polígono, com muitos ângulos e faces. Esta multiplicidade permite uma variedade de sentimentos, reações que o poeta pretende exprimir.

Transversal a toda a sua obra é o elemento feminino. Prende-se com o sentimento, com um valor ideal?

Mais com um valor complexamente humano, que não sou capaz de sintetizar, eu que gosto muito de sínteses. Para responder de modo razoável tinha necessidade de me conhecer a mim próprio totalmente, bem como o elemento feminino cujas qualidades podem atrair-me quer por motivos de simpatia física, quer mental ou sentimental. Seduz-me, por vezes, um dito a propósito de qualquer coisa, um dito com humor fino, uma observação breve, um "valor ideal", a beleza, a voz, tudo e muito mais influi. Não sei se já me perdi na resposta, mas penso que, às vezes, não descubro outro modo de explicar: é mais uma vaga sugestão que uma explicação.

Porventura, a poesia explica sem explicar... O poema é um prolongamento de si ou uma forma de relacionar-se com os outros?

Um prolongamento que exteriorizo para comunicar e também uma necessidade, uma devoção que me exige a sua fatura, o transvasamento da inspiração para o papel, a libertação de um recado.

E nunca passou por nenhum momento em que a terminologia poética obedecesse mais à estética do que à inspiração, à libertação do recado?

De um modo geral, obedece mais à inspiração, depois (por vezes dias ou semanas depois), acolhe a estética, a "oficina". Admito que outras variantes

sucedam porque a criatividade é muito instável, depende do momento e de tudo o que influi no momento.

Como se atinge na escrita um grau de simplicidade?

Sentindo, sonhando e trabalhando. E que a arte nos ajude!

Na teoria de Schopenhauer, a filosofia é filha do espanto do homem perante o mundo e a sua própria existência. A poesia também?

A filosofia nasce de tudo quanto o homem vive e sente. Evolui e organiza-se quando o homem pensa. Fazendo-o sentir mais e meditar mais, leva-o a requintes de filosofia que lhe exigem uma linguagem adequada e criativa.

Todo o processo criativo implica introspeção?

Julgo que sim, mas receio dar uma resposta absoluta. A intuição também intervém muitas vezes, acompanhada do sonho, da dádiva e do amor. E de quantas outras coisas?

Sendo um instrumento complexo, a palavra pode virar-se contra quem a usa?

Sem dúvida. Por isso devemos ser prudentes; contudo, por vezes, é tão bom falar à vontade e livremente! Se o poeta não fosse livre, que seria da beleza de certos poemas!

Embora prudente, contido, costuma dizer que as palavras "são como a nora". As águas do poço sem fundo que somos todos nós podem ser perturbadas pelas emoções?

As emoções empurram a roda da nora, que pode atingir uma velocidade inesperada, despejando, naquele momento, o poço até ao vazio. As palavras podem ser como a nora: dão-se ao luxo de tirar e, portanto, criar ideias delas próprias porque, tendo muitos significados, nos desviam de uns para outros, levando-nos a paisagens e lugares não previsíveis e até desconhecidos.

É-lhe reconhecida uma técnica exímia nos decassílabos, poço que em si parece nunca esvaziar-se. Uma paixão pelo chamado “dolce stil nuovo”?

Não raro, tenho de fazer um grande esforço para me libertar deles. Quando calha, passo meses, dois ou três, a escrever apenas sonetos; quase me farto mas custa-me fugir daquele ritmo que me persegue. Com dificuldade reentro na poesia livre.

Em *Monossílabos*, interroga: “Como é possível andar a sorrir com o peso do universo às costas?” Bom, já sabe como é possível?

O único modo de manter o sorriso é olhar os que amo e me sorriem, “procurar a beleza que não morre”.

Para identificar e escrever a beleza quais os códigos que elege?

Apetece-me falar só na sensibilidade. E na sensação. Afinal relacionadas.

Arte de escrever, uma aprendizagem do belo?

Pelo menos uma tentativa.

Poeticamente diz: “As metáforas apostam / na semelhança. / Sugiro que se invista na antecipação.» De que jeito se antecipa o poeta ao processo poético?

Estou a lembrar-me de um poema do meu primeiro livro, que termina assim: “Ainda a Vida é semente, / e tu já és a Vida.”

Que vida é? Mística?

A própria poesia.

Foi cruzando tradição e modernidade. Modernidade literária tem a ver com o virtuosismo do subjetivo?

A modernidade deve respeitar a subjetividade de cada um; cada um precisa de ser sincero consigo próprio e tem o direito de o tentar.

Abel Salazar defendeu que, em termos de estética, a forma liga “em ziguezague contínuo” a razão e a emoção. Sente esse ziguezague ao fazer poesia?

Muitas vezes. Razão e, sobretudo, emoção enoveladas na inquietação.

Inquietação pela qual passa o crer e a dúvida. “Deus sorri, por detrás de alguma nuvem; / eu sorrio também, mas sinto dentro / uma surda vontade de chorar. / Só Deus entende o poema.” São versos dos seu livro *Sílabas Comuns*. E pergunto-lhe: o homem não é capaz de compreender a poesia?

Será capaz, mas aquele poema só Deus o entendeu, julgo. Digo isto porque em toda a parte O desejo e suspeito e em nenhuma parte O encontro e demonstro.

Eterna busca... Nos tempos tão violentos que vivemos, Deus será olhado mais no conceito de Aristóteles, ou seja, afastado das coisas reais da humanidade? Ou jamais a razão descobrirá Deus?

Dependerá, porventura, de quem raciocinar e sentir. Nem todos os físicos descobriram a *Teoria da Relatividade* nem a compreenderam. Einstein afirmou isto: quando estava perto de uma descoberta, ouvia música. Alguém dotado de extraordinária inteligência e sensibilidade poderá alcançar uma certeza de Deus? Não creio.

De perfil universal, abarcando diferentes escolas literárias, sinto na sua poesia o binómio natureza-homem, próximo de Pascoaes mas que entronca, também, no modernismo de Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro...

Quando, em 1978, publiquei *Espelho* (o meu primeiro livro de poesia), João Gaspar Simões, no *Diário de Notícias*, considerava-me influenciado por

Régio, Torga, Nobre, Pessanha. Nessa ocasião, lia-os e relia-os, principalmente Torga e Régio. Aceito que me influenciassem. Mas depois, pouco a pouco...

Procurou e encontrou a sua própria voz?

Embora recebendo correntes emotivas e estéticas de outros poetas que me impressionavam, julgo que me fui, melhor ou pior, inculcando à custa de mim próprio, procurando exprimir os meus sentimentos, emoções, raciocínios, experiências, desejos em palavras e ritmos de mim mesmo retirados e neles transvazados. Foi o que procurei e não sei se consegui. Quanto a Pascoaes, que li e saboreei – o mesmo digo de Sá-Carneiro –, francamente, com a devida vénia, não me sinto influenciado.

E Cesário Verde?, não consigo desligá-lo de Cesário, desse olhar os outros, um olhar para fora...

Sinto-me contente com essa envaidecedora referência. De Cesário recordo, encantado: "Unicamente a minha doce irmã / como uma ténue e imaculada rosa / dava a nota galante e melindrosa / na trabalhadeira rústica aldeã. // E foi num ano pródigo, excelente / cuja amargura nada sei que adoce / que nós perdemos essa flor precoce / que nasceu e morreu rapidamente." Estou a dizer de cor! Mas não vislumbro na minha poesia nada de comum.

Quando digo que não o desligo de Cesário não estou a aludir ao aspeto formal da escrita. Refiro-me a uma poesia não ensimesmada...

Aí, estou de acordo. Procuro levar o olhar de mim para fora de mim.

O título de um álbum seu de sonetos, *O Que Há de Comum*, ilustrado por Armando Alves, sugere-me uma questão: poeta e médico estiveram sempre em sintonia?

Na maior parte das vezes, penso que estiveram em sintonia, ajudaram-se muito; contudo, sem querer ser demasiado afirmativo, admito que uma ou outra vez tenham discutido, contrariando-se.

Nem sempre conseguimos entender as nossas contradições... A propósito, destaco ainda daquela obra: "Cada vez mais observo e me confundo / com o que vejo e não consigo ver / cada vez eu estranho mais o mundo / cada vez mais me custa perceber." O mundo segue o não-sentido e o poeta deseja a perfeição?

O mundo é um mistério e o poeta sonha com o modo de engendrar uma *chave*.

Enquanto médico, acha que a ciência tenta aprofundar a delicadeza do ser humano?

A medicina é um "ofício" que alia a ciência e a arte; faz parte desse ofício conversar, interrogando serenamente o doente de modo a que ele exponha as questões básicas que o preocupam e afligem, para que o médico possa orientar o caso o mais corretamente possível, aconselhando e explicando a necessidade de o doente colaborar no seu tratamento.

Fundamental a relação médico-doente...

Por vezes, é mais importante que a terapêutica medicamentosa. A confiança mútua torna-se indispensável.

Quando tem de alertar o doente para um diagnóstico sombrio, que linguagem lhe serve de amparo?

É difícil. Depende do temperamento do doente. Antes é preciso conversar muito com ele. Não ser excessivamente afirmativo e avançar sem pressa, sem mentir.

Levando o doente, de um modo subtil, a participar num diagnóstico?

Deve sublinhar-se a incerteza. Mostrar afetividade e esperança, tudo um pouco velado, como aliás é a vida. A distração pode ajudar a aceitação. Contarem-se, por exemplo, casos de cura inesperada, casos que correram bem. Se levarmos o doente a diagnosticar a gravidade do caso, o choque é mais suave. A própria conversa poderá sugerir-nos uma forma de animar o doente, ele próprio nos encaminha. No caso de haver algo a fazer de útil, ser o mais rápido possível. Atuar.

Em que medida o poema pode consentir a objetividade e a medicina a subjetividade?

O poema pode consentir a objetividade quando versa um tema de gravidade. A medicina consente a subjetividade em todos os casos, desde que o médico a saiba e possa controlar; caso contrário, deve afastá-la para o mais longe possível, procurar "computorizar-se". A questão depende muito das qualidades temperamentais.

A sua vastíssima experiência como pneumologista e imuno-alergologista ainda é surpreendida, mais de meio século após a descoberta da estreptomicina e de muitos outros tuberculostáticos, pelo regresso da tuberculose, nomeadamente à comunidade portuguesa?

A medicina não se surpreende com o regresso da tuberculose mas fica profundamente desiludida. Não se surpreende porque tem conhecimento das causas: a sida, que deprime a resistência dos doentes expondo-os a um contágio fácil e interfere nos bacilos da tuberculose adquirida por esses doentes, tornando-os frequentemente resistentes aos diversos medicamentos tuberculostáticos; a miséria social com todas as suas consequências dramáticas (alimentação deficiente, habitação anti-higiénica, hábitos de conspurcação, prostituição). A somar a isto: a má organização da saúde no nosso país.

Prognóstico?

Muito mau.

Organismos infetantes (bactérias e vírus) são mutantes e mais velozes do que a investigação...

Tornam-se resistentes aos antibióticos; por outro lado, novos agentes desconhecidos vão surgindo e sendo descobertos. A investigação responde com novos antibióticos e vacinas. O custo do tratamento dos doentes aumenta permanentemente.

O doente tem de ser tratado...

Isso nem se discute. Mas é também indispensável combater as causas que fazem propagar estes flagelos.

Uma guerra sem tréguas?

Uma guerra em que os inimigos não fazem tratados de paz. Infelizmente, o mesmo se vai passando entre os homens. A ambição pelo dinheiro chega a permitir que a contaminação da atmosfera terrestre vá reduzindo a quantidade de oxigénio que respiramos. Os homens esquecem-se dos seus netos. Não é fácil prever o futuro.

Alguns doentes afetados gravemente pela tuberculose recusam-se a ser hospitalizados, o que tem suscitado polémica no meio clínico. Defende que deva proceder-se ao internamento compulsivo?

Não me sinto com autoridade para emitir uma opinião válida. O internamento compulsivo implica problemas de uma delicadeza e gravidade acentuadas, quer sobre os direitos das pessoas, quer na organização dos internamentos. Tal resolução exige um estudo por parte de indivíduos ou até de entidades com preparação e experiência diversas; exige que se reúnam e debatam sensatamente um assunto desta natureza.

Condições climatéricas, meio ambiente, são essenciais ao tratamento da tuberculose pulmonar?

O meio ambiente, do ponto de vista social e disciplinar, é de notável importância; as condições climatéricas, no que diz respeito ao nosso país, parecem-me secundárias.

Temos bom clima?

Não temos um clima de extremos, o que ajuda muito.

O romance *Montanha Mágica*, de Thomas Mann, pelo qual passa a tuberculose, continua nas suas estantes?

Para mim, poeta (ou com pretensões a isso), médico que estagiou durante perto de dois anos, como interno de dia e de noite, nos sanatórios do Caramulo, como médico auxiliar e broncologista durante sete anos no Sanatório Rodrigues Semide, como médico broncologista durante 16 anos no Sanatório D. Manuel II (posteriormente Dr. Eduardo Santos Silva), a *Montanha Mágica* permanece e impõe-se como uma obra sem paralelo no sentido humano, médico, psicológico e até político, além da beleza literária rara que nos impressiona.

Leu-a quando estudante ou já era médico?

Li-a a primeira vez quando andava no princípio da faculdade: gostei. Tornei a lê-la há meia dúzia de anos: fiquei deslumbrado, porque o leitor era outro, conhecedor experimentado na vivência sanatorial e também mais experimentado na vida.

A arte da poesia está sujeita aos “jogos da respiração” ou às “leis da respiração”?

Tudo o que nos leva a respirar mais livremente é maravilhoso. É como respirar o ar fresco no cimo duma serra: haja neve ou não; haja ou não um “mar de nuvens” por baixo de nós. Preciso é que more dentro de nós a poesia. Dou a minha definição de poesia: fazer o possível do impossível e o impossível do possível. Diria que era um dos mais belos jogos do homem e talvez uma das leis mais sublimes de Deus.

Os Cuidados Intensivos em Portugal, a cuja equipa de pioneiros pertenceu, revelam-nos a nossa efemeridade ou lançam os maiores desafios perante a morte?

O intensivismo tem a ver com uma linha de emoção que marca a fronteira entre o que se chama vida e o que se chama morte. No que respeita ao intensivismo, creio mesmo que podemos falar de um novo internismo.

Um “novo internismo” porquê?

Na medida em que abrange toda a medicina. Porque nele convergem competências diversas; porque as mutações do estado do doente são rápidas; porque exige o diagnóstico atempado das grandes síndromas; porque a atuação terapêutica tem de ser urgente baseada na síndrome diagnosticada, uma vez que as funções vitais estão ou podem estar em perigo de falência. Conclusão: velocidade no diagnóstico, velocidade na terapêutica muitas vezes dirigida à síndrome e não à doença ainda sem diagnóstico. E um sentido do humanismo sempre presente.

No caso português, os acidentes de viação serão a maior tormenta para a medicina intensiva?

Uma das grandes tormentas.

Por que se morre tanto nas nossas estradas?

Porque o homem perde a noção de respeitar os outros homens e a si próprio, criando romances loucos à volta do automóvel. E ainda há os acasos.

Integrou a equipa do Prof. Corino Andrade, no Hospital de Santo António do Porto. Foi o tempo de uma escola médica irrepetível?

Foi o tempo de uma escola pujante e inesquecível. Os grandes homens são raros, mas, como otimista que sou, creio que outros surgirão para bem do progresso e da humanidade.

Que mais o marcou na sua vida clínica?

O gosto de ouvir e falar, de trabalhar e aprender, de viver e amar, de sentir e conhecer a poesia misturada com a medicina, intimamente. O encontro de homens grandes, vários e em vários aspetos. O primeiro a aparecer-me: o tisiologista espanhol Manuel Tapia, no Caramulo; o português neurologista Corino Andrade, no Porto. Com outros, não esquecidos e amigos, aprendi muito, clínica e humanismo.

Em 1998 foi condecorado com a Medalha de Ouro da Ordem dos Médicos, no ano seguinte recebeu a Medalha de Ouro da Sociedade Portuguesa de Pneumologia. Compensado por todo o mérito e dádiva?

Fiquei contente, embora com a consciência de que em mim alguns companheiros foram também homenageados e de que intimamente partilhei com eles.

A História da Medicina Portuguesa no Século XX, do Prof. Manuel Machado de Sousa, faz-lhe igualmente referência, bem como o Dicionário de Personalidades Portuenses do Século XX. Depois de tudo isto, como se preserva a humildade que o leva aos versos: "Eu não quero lavrar uma herdade de hectares / eu não quero amazónias ou jardins da babilónia"?

A humildade para mim, ao fim de 82 anos, não significa submissão mas um sentido de amor, respeito, companheirismo, arrependimento de erros cometidos, esperança.

Grande é a tradição de médicos escritores em Portugal, podendo dar-se exemplos como os de Torga, Namora ou desse "mestre de todos nós" que é João Araújo Correia. Atualmente, a arte médica anda divorciada da escrita?

Outros médicos são amantes da escrita e de outras artes. Camilo Araújo Correia, filho de João Araújo Correia, tem escrito muita prosa, cheia de humor e emoção: publicou bons livros de contos, com requintes superiores de emoção e humor, e ainda numerosos e oportunos textos, semanalmente, n' *O Arrais*, da Régua, que me deixam encantado e me obrigam, às vezes, a telefonar-lhe para lhe dar um abraço amigo.

Nas muitas palestras e conferências que tem realizado ao longo da sua carreira, articulando, harmonizando arte e medicina, tem por objetivo o conceito de Nietzsche segundo o qual "a missão da arte é criar a humanidade futura"?

O que procuro, baseado na minha vivência, a de médico que sempre ajudou o poeta, a do poeta que sempre ajudou o médico, é, engrandecendo uma e outra, valorizar a profissão e a arte, conseguindo assim uma humanização mais apurada. Participo sinceramente na esperança de Nietzsche: a arte pode, pelo menos, partilhar a construção da humanidade futura. Esperemos que assim aconteça.

Quando começou a fascinar-se pela lírica?

Por volta dos quinze. Não me lembro do momento exato nem de como foi. Sei que comecei a ler muito, com especial paixão pela poesia, espicaçado, se bem me recordo, por Camões, Antero, Nobre, depois por Régio, Pessoa e outros; o meu professor (Rodrigo Fontinha) de Latim e Português, do quarto ao sétimo do meu tempo escolar, e a minha tia Maria Emília, que era professora liceal igualmente de Português, certamente também contribuíram. Tudo isto me influenciou.

Recorda-se do primeiro livro de poemas que leu?

A sério, a sério, penso que foram os *Sonetos*, de Antero, que me fascinaram. Os sonetos filosóficos, os sonetos românticos (poucos), os sonetos descritivos (raros). E, fora os sonetos, a sua figura humana retíssima, afetiva, revolucionária e, por vezes, ousada e combativa.

Integrou os «Vencidos da Vida». Mentor “de um mundo novo”, Antero de Quental foi vítima do seu próprio idealismo?

Como médico não especializado em psiquiatria, e sem conhecimento do doente, a hipótese que levanto, sem segurança, sublinho, é que teria sido vítima de um processo patológico (esquizofrenia?), que terminou num suicídio pormenorizadamente delineado.

Antero, o criador de uma poética de pendor filosófico em Portugal?

Com certeza. Eça, por exemplo, considerava “os *Sonetos* de Antero uma jóia única no tesouro da poesia universal”. Escreveu também *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX* e desenvolveu outros temas de filosofia.

Dos clássicos aos contemporâneos, que escritores gosta de visitar?

Vou nomear só poetas, sem desprimor para prosadores, que do mesmo jeito me fascinam: Camões, Antero, Gomes Leal, Cesário, Nobre, Pascoaes, Afonso Duarte, Pessoa, Sá-Carneiro, Florbela, Gomes Ferreira, José Régio, Reinaldo Ferreira, Nemésio, Torga, Álvaro Feijó, Sena, Natália, Pessanha...

Um painel de ouro...

Em que incluo ainda Sebastião da Gama, António Gedeão, O'Neill, Ruy Belo, Ary dos Santos, Mourão-Ferreira, Sophia, Eugénio, António Osório, Manuel António Pina, Albano Martins, Álvaro Magalhães, admitindo que me esqueço de um ou outro.

Dos poetas estrangeiros nenhum o sensibilizou?

Naturalmente. Por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, Antonio Machado, Rudyard Kipling, Edgar Pöe (em especial na tradução de Fernando Pessoa).

Nobre, de quem é admirador, que lugar ocupa hoje na nossa literatura moderna?

Um lugar originalíssimo na primeira linha.

Foi um poeta da interpelação, mestre do diálogo íntimo?

Nobre foi, a meu ver, um poeta geneticamente *preparado* ou, talvez melhor, *organizado* com um rigor cumprido ao pormenor: hipersensibilidade marcada, predestinação e adivinhação, invenção de técnicas poéticas conseguidas à custa de uma inspiração aliada a uma ousadia espontânea e a um roçar aristocrático da popularidade, brincando com as sílabas como um pintor impressionista brinca com as cores e o inesperado.

Os jovens deste tempo saberão compreender o autor de *Só*?

Nunca sondei os jovens de hoje nesse sentido. É evidente que a forma de viver se modificou violentamente com o rodar do tempo. Não sei como poderão ler e sentir António Nobre. Mas considerava ofensivo para eles se aceitasse que não são capazes de compreender e sentir *Só*. E seria doloroso imaginar que se esqueceram de lhes dar a ler o *Só*.

Que o liga igualmente a Almeida Garrett? O “berço portuense”?

O facto de ele ter sido um dos primeiros e brilhantes introdutores do romantismo em Portugal, as poesias, sobretudo das *Folhas Caídas*, o drama de *Frei Luís de Sousa* e a atualidade e a beleza de *Viagens na Minha Terra*.

Garrett não resistiu às tentações da vida política portuguesa no período conturbado da primeira metade do século XIX. De certo modo, a política exilou o homem mas libertou o poeta?

Penso que o talento de Garrett, com política ou sem política, sempre o colocaria num lugar distinto da literatura portuguesa.

E o poeta Armando Pinheiro nunca teve queda para a política?

Amo a liberdade e a tolerância, penso que a política, para merecer este nome, exige uma profunda e difícil competência aliada à seriedade e à humildade e amor da justiça, que nem sempre sabemos onde está. Deito um olhar por vezes atento à política, mas de modo algum me sinto apto a exercê-la: exige vocação, devoção e trabalho. Não me atrai.

Que análise faz um homem da tolerância sobre os conflitos mundiais que recrudesceram?

Não sou um político, não sou um historiador; em resumo, sou um cidadão, um médico, um amante da poesia que faz uma vida de família pacata. Leio o jornal, alguns livros, vejo televisão, sou um homem com alguns defeitos e virtudes, um agnóstico à procura de Deus. Fico apavorado com as notícias do país e do estrangeiro, fico triste com o que leio, vejo e sei.

Um mundo louco?

O mundo que vemos: a ética a desfazer-se descaradamente, catástrofes em catadupa. Que análises faço? Nenhumas: uma tragédia. Nem é preciso analisar, vê-se a olho nu. Os fatores saltam diante de nós, aos montes. Só não se vê a maneira de fazer uma profilaxia. Se Deus existe, que nos valha!

“Se eu fosse dono de uma fábrica de brinquedos / surpreenderia pelos contratos imprevistos”. Está dito no seu livro *Devolução*. Que brinquedo desejaria mandar fazer?

Um brinquedo para as crianças, outro para os adolescentes, outro para os adultos, outro ainda para os velhos. Brinquedos que lhes trouxessem amor e paz e se multiplicassem aos milhões para descrentes e crentes de todas as religiões. Os descrentes converter-se-iam.

Do seu triciclo de infância fica-lhe a sensação de finito ou de infinito?

A sensação de um brinquedo que me divertia e me dava paz e a sensação de que aquele quintal onde eu corria nunca iria acabar. Acabou antes de eu fazer dez anos.

Que poema de sua autoria gostaria que os seus filhos assumissem como herança perene?

O poema da minha vida, feito para eles, com os olhos neles, onde me fosse possível pôr música, amor, alegria, bondade, paz, tanto quanto pudesse, tanto quanto sonhasse. Um poema em que Deus, com um sorriso, escrevesse por baixo: *Confirma*, e assinasse.

Quais as “cores do crepúsculo”, substantivos que intitulam as suas obras?

As cores da saudade (talvez o azul; o roxo é triste) e da esperança (rosa).

Diz o povo que a esperança é verde...

Psicologicamente, a cor rosa dá-me alegria e otimismo, ou seja, é esperança. Mas também o verde como promessa de floração.

Nunca sentiu a poesia como anti-destino?

Quando a sinto, naquele instante ela chega-me.

“A procura é linda”, já escreveu assim mesmo. Esse o caminho?

Não sei bem o caminho: procuro-o.